

AS AVENTURAS DO BOIZINHO ODORICO



Izaurina Maria de Azevedo Nunes

Organizadora

IPHAN

AS AVENTURAS DO BOIZINHO ODORICO



Izaurina Maria de Azevedo Nunes

Organizadora

São Luís | IPHAN | 2021



SUMÁRIO

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Jair Messias Bolsonaro

MINISTRO DO TURISMO

Gilson Machado Neto

SECRETÁRIO ESPECIAL DA CULTURA

Mário Luís Frias

PRESIDENTE DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN

Larissa Peixoto

DIRETORES DO IPHAN

Arlindo Pires Lopes

Arthur Lázaro Laudano Brengunci

Marcelo Brito

Raphael João Hallack Fabrino

Tassos Lycurgo Galvão Nunes

SUPERINTENDENTE DO IPHAN NO MARANHÃO

Maurício Abreu Itapary

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL - DPI

Tassos Lycurgo Galvão Nunes

COORDENADORA GERAL DE PROMOÇÃO E SUSTENTABILIDADE - CGPS

Rívia Ryker Bandeira de Alencar

PREFEITO DE SÃO LUÍS

Eduardo Salim Braide

SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO LUÍS

Esmênia Miranda

DIRETORA DA UNIDADE DE ENSINO BÁSICO HONÓRIO ODORICO FERREIRA

Maria José Mesquita

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Izaurina Maria de Azevedo Nunes

CONSULTORIA PEDAGÓGICA

Conceição de Maria Souza Sobrinho – coordenadora pedagógica da UEB Honório Odorico Ferreira

Vanessa Bezerra Costa – professora do 2º ano da UEB Honório Odorico Ferreira

TEXTOS

Izaurina Maria de Azevedo Nunes

Jessica Kalenne Silva Costa

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

MC&G Design Editorial

ILUSTRAÇÕES

Robson Araújo

COLABORAÇÃO

Alunos do 2º ano da UEB Honório Odorico Ferreira – Turma de 2018

Jandir Silva Gonçalves

Marise Ferreira Alves

AGRADECIMENTOS

André Ricardo Ribeiro Batista

Camilla Regina Moreira Barros

Fernando César Beliche Alves

Iguaracira Ribeiro Sampaio

Joselma Oliveira Costa

José Armando Costa Amorim

José Reinaldo Castro Martins

Lisandra Cristina Duarte Teixeira

Luís Carlos de Carvalho Pinto

Márcia Cristina Carvalho Leite

Raphael Gama Pestana

Raimundo José Rodrigues de Sousa Roma

Rosana Martins Gomes

Thamirys D'Eça

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Superintendência do IPHAN/MA

A951

As aventuras do bozinho Odorico / coordenação, Izaurina Maria de Azevedo Nunes ; texto, Izaurina Maria de Azevedo Nunes e Jessica Kalenne Silva Costa ; ilustrações, Robson Araújo. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – São Luís, MA : IPHAN, 2020.
44 p. ; : il.

Modo de acesso: www.iphan.gov.br

ISBN: 978-65-86514-18-6

1. Bumba meu boi - lendas. 2. Bumba meu boi - Maranhão. 3. Literatura Infantil. I. Nunes, Izaurina Maria de Azevedo. II. Costa, Jessica Kalenne Silva. III. Araújo, Robson.

CDU 398.21:087.5(812.1)

Elaborado por Dayse Maisa de A. Maciel de Jesus – CRB – 13 / 767

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

www.iphan.gov.br

publicacoes@iphan.gov.br

iphan-ma@iphan.gov.br

- 1. ARRAIAL NA FAZENDA TAJIPURU** **6**
- 2. O BOI DE COSTA DE MÃO** **10**
- 3. O TOURO ENCANTADO** **14**
- 4. AS AVENTURAS DO BOIZINHO ODORICO** **16**
- 5. O BATIZADO DE ODORICO** **19**
- 6. O BOI DE SÃO JOÃO** **22**
- 7. ODORICO NA FESTA DE SÃO PEDRO** **26**
- 8. A LENDA DO BUMBA-MEU-BOI** **32**
- 9. ODORICO VISITA O CENTRO HISTÓRICO** **34**
- 10. MEU BOIZINHO VAI MORRER** **38**



OLÁ, TURMINHA!



Eu sou Belinho. Que tal entrar nesta aventura comigo, Nizetinha e o boizinho Odorico e conhecer um pouco mais sobre nosso Patrimônio Cultural e sua importância para a nossa comunidade?



Isso mesmo, Belinho. Vamos conhecer o nosso Bumba-meu-boi e ajudar a manter a nossa cultura viva.



Oba! Eu também tô nessa!

ARRAIAL NA FAZENDA TAJIPURU

É dia de festa na Fazenda Tajipuru. Seus donos são devotos de São João e todos os anos realizam um lindo arraial para festejar o dia 24 de junho. Eles têm muitos filhos. São 16 lindas crianças que são a alegria da fazenda. Maria é filha biológica e os outros são filhos adotivos ou de coração como se costuma falar. Dentre os filhos, há um lindo garotinho chamado Umbelino, ou Belinho, como os padrinhos carinhosamente o chamam. Belinho é muito traquino e curioso, gosta muito de brincar e ajudar sua mãe adotiva que é, também, sua madrinha. Desde cedo é o companheiro mais próximo da madrinha Conceição.

Belinho está ansioso para saber a programação da festa, pois precisa se preparar para não perder nenhum momento das apresentações. Foi então que teve uma grande ideia.

— Vou perguntar para a madrinha sobre as atrações do nosso arraial.

Belinho saiu correndo para encontrar a madrinha e quando a avistou de longe já foi logo perguntando:

— Madrinha! Madrinha! Que horas vão começar as brincadeiras?

— Acalme-se, Belinho, ainda tem muito tempo para o início da festa.

Belinho continuou a indagar.

— Vai ter a brincadeira do Bumba-meu-boi? Porque eu adoooooro!

— Vai sim Belinho. Inclusive teremos Bois de vários sotaques.

Belinho esbugalhou os olhos e, sem entender o que a madrinha havia falado, perguntou:

— O que é sotaque madrinha?

A madrinha de Belinho sorriu e disse:

— Já já te explico, meu lindinho.

Belinho continuou sua maratona diária correndo e brincando por todo o terreiro com os amiguinhos.

Depois de alguns instantes a madrinha chamou todos que ali estavam para esclarecer as dúvidas de Belinho e das outras crianças.

— Crianças sentem-se aqui. Agora que nosso arraial já está pronto para a festa, vou aproveitar e falar para vocês um pouco sobre a nossa cultura e o nosso patrimônio. Alguém aqui sabe o que é cultura? — perguntou a madrinha.

Belinho mais que rapidamente levanta o braço e responde:

— Eu sei, madrinha. Cultura é o Bumba-meu-boi.

— É verdade Belinho! Mas, a definição de cultura é ainda maior.

A cultura é o modo como as pessoas vivem, pensam, se vestem, se comportam... É tudo que elas constroem em sua comunidade, sua cidade, seu estado e seu país. E tudo isso é transmitido pela família, pela escola, pela igreja e pela sociedade o tempo todo.

Conceição fez uma pausa e logo em seguida perguntou:

— E patrimônio? Alguém sabe o que é?



Nizetinha, outra criança presente, foi logo respondendo:

— Madrinha, patrimônio são as casas antigas, as brincadeiras e o bumba-meu-boi.

— Isso mesmo Nizetinha! Aqui só tem crianças inteligentes! — exclamou a madrinha.

— Bom, crianças, para entendermos melhor irei falar mais um pouco sobre o que é patrimônio.

Patrimônio é uma herança que recebemos de nossos pais, avós, bisavós, tetravós... É uma herança construída no passado que vivemos no presente e que transmitimos para nossos filhos, netos, bisnetos e tetranetos. O patrimônio cultural pode ser material e imaterial. O material é concreto e a gente pode ver e tocar, como os sobrados do nosso Centro Histórico, por exemplo. O patrimônio imaterial é criado e vivido pelas pessoas. Ele pode ser sentido e admirado, como o nosso Bumba-meu-boi.

— É muito importante cuidarmos de nosso patrimônio porque ele conta a nossa história. Nossos sobrados nos dizem como as pessoas viviam antigamente. Eles guardam a nossa memória. E o nosso Bumba-meu-boi nos diz como nós pensamos, como criamos a beleza, como gostamos de nos divertir e também fala de nossas crenças nas rezas, nas toadas, nas roupas... Ele diz muito sobre nós. Entenderam? — perguntou a madrinha aos pequenos.

Todos respondem em couro.

— Siiiiiiiiimmm!

Nizetinha admirada exclama:

— Puxa! Quanta coisa legal! A madrinha é mesmo muito sabida!

Belinho, ainda inquieto e com um ar de curioso, fala:

— Madrinha ainda não sei o que é sotaque.

A madrinha com um lindo sorriso no rosto, responde:

— Belinho, os grupos de Boi do Maranhão são divididos em sotaques.

Sotaques são as formas, o modo como os brincantes dançam, cantam, tocam e fazem suas indumentárias. Cada sotaque tem um jeito próprio de se mostrar. No Maranhão temos muitas maneiras de brincar o Bumba-meu-boi e as mais conhecidas são chamadas de sotaque da Baixada, de Matraca, de Zabumba, de Orquestra e de Costa de Mão, mas existem muitas outras maneiras de brincar o Bumba-meu-boi no Maranhão.

— Hoje, na nossa festa que acontecerá daqui a pouco, teremos Bois desses cinco sotaques, mas a nossa atração principal serão os Bois de Costa de Mão. Também teremos outras brincadeiras como Quadrilha, Cacuriá, Dança do Coco, Dança do Lelê, Dança Portuguesa e Tambor de Crioula.

A madrinha se levanta e orienta a todos que procurem ir se arrumar para festejar São João nesse dia tão especial. Por que São João é o santo homenageado da festa.

Já é noite e o arraial está a todo vapor.

São tantas atrações que Belinho quase nem pisca com tanto encantamento. Esse é o dia mais esperado do ano por todas as crianças da fazenda. E agora que já está quase acabando, só resta guardar na memória cada segundo e aguardar até o próximo ano para poder reviver esse momento novamente.

Belinho se sente muito feliz por ter uma cultura tão rica e encantadora como esta.¹

¹ Estória produzida em sala de aula por alunos do 2º ano (turma de 2018), sob a coordenação da professora Vanessa Bezerra, com o texto revisado e ampliado para esta publicação.



O BOI DE COSTA DE MÃO

Belinho entra ofegante na casa de Nizetinha. Muito aflito grita:

— Nizetinha, Nizetinha!

Nizetinha ficou assustada com a chegada de Belinho.

— O que aconteceu, Belinho? Porque você está assim?

— Tive um sonho muito ruim, Nizetinha. Sonhei que o nosso Bozinho de Costa de Mão estava morrendo.

— Que sonho horrível! Acalme-se, Belinho. Isso nunca vai acontecer.

— Mas, Nizetinha, tu lembrás que vovó contava que antigamente tinha mais gente brincando no Boi? Agora tem tão pouca gente que participa da brincadeira. Se continuar assim vai acabar.

— Puxa, Belinho! É mesmo. Até o nome era diferente.

— Isso, Nizetinha. Em Cururupu chamavam Boi a Pandeiro.

— Mas não vamos ficar tristes, meu primo. Precisamos fazer alguma coisa para trazer mais brincantes para brincar no Boi de nossa comunidade.

— Vamos espalhar a brincadeira por nosso bairro — disse Belinho, já animado.
— Assim todo mundo fica conhecendo. É só fazer um Boi bem bonito. E se todo mundo ajudar...

— O que você acha que podemos fazer? — perguntou Nizetinha.

— Primeiro vamos chamar mais gente para começar a arrumar o boi — respondeu o primo.

— Isso. Vamos deixar ele lindo: encher de bombons, caramelos, doces, chocolate. As crianças vão gostar e vão querer brincar com a gente. E vamos pedir para mamãe fazer um mingau de milho bem gostoso para distribuir para os brincantes — sugeriu Nizetinha.

Belinho e Nizetinha convidaram toda a comunidade para arrumar o boi. Foi uma festa. Todos se entusiasmaram. Queriam participar e contribuir para que o bozinho ficasse lindo.

Dona Tânia bordou o couro do boi. As crianças ajudaram e ficou muito bonito, mas era surpresa. Só no dia do batizado do Boi o couro seria apresentado.

As roupas das tapuias e vaqueiros foram feitas por Dona Clotilde e Seu Manoel.



Dona Bidoca fez os doces para a merenda das crianças servida depois dos ensaios.

Nizetinha e Belinho chamaram os amiguinhos para ajudar a enfeitar o quintal com bandeirinhas verde, azul, vermelha, amarela, rosa, lilás e laranja. Tudo muito colorido.

A criançada ficou cansada de trabalhar e muito feliz quando viu tudo pronto.

Todos ensaiaram e era uma grande festa. As crianças já ficavam ansiosas para irem para o terreiro do Boi ensaiar os passos cadenciados do Bozinho de Costa de Mão.

— Como é legal brincar no Bozinho — diziam.

Ficavam extasiadas vendo seus pais tocarem aqueles pandeiros de um jeito diferente, com o dorso das mãos, e logo entravam no cordão para seguir aquele ritmo que parecia ecoar no fundo da alma.

Na hora da festa, pegaram pandeiros, maracás e tambor-onça e começaram, também, a tocar sob o olhar atento dos pais que as ensinaram.

O boi chegou todo arrumado, para o batizado, acompanhado da madrinha.

— Que lindo! — exclamaram todos.

O boi tinha bordado, no couro de veludo preto, de um lado, o quadro da Última Ceia; do outro se via o cenário da Praia dos Lençóis em noite de lua cheia com o touro encantado.

A festa ficou linda, todos participaram e a comunidade se alegrou.

Ali, todos assumiram o compromisso de, todo ano, brincar desse jeito para ninguém se esquecer do Boi de Costa de Mão.¹



¹ Estória produzida em sala de aula por alunos do 2º ano (turma de 2018), sob a coordenação da professora Vanessa Bezerra, com o texto revisado e ampliado para esta publicação.



O TOURO ENCANTADO

Certo dia, na aula de História, a professora falava sobre o descobrimento do Brasil pelos portugueses que viviam num país muito distante da Europa governado por reis: Dom Manuel, Dom João, Dom Afonso, Dom Henrique, Dom Pedro, Dom Miguel, Dom Sebastião...

O boizinho Odorico era um aluno aplicado e curioso. Lembrou que já tinha ouvido falar de um certo Rei Sebastião.

— Espera aí, professora — gritou Odorico.

— O que aconteceu? — perguntou a professora Vanessa.

— O Rei Sebastião não é um boizinho como eu?

A classe deu uma grande gargalhada com a pergunta inesperada de Odorico.

— Calma, crianças — pediu a professora. — Talvez Odorico tenha razão. Eu vou contar uma história para vocês.



“Havia em Portugal um jovem rei muito valente e cristão que gostava de guerrear. Um dia, numa de suas batalhas, lutou bravamente contra seus inimigos que, por serem muitos, estavam em vantagem. Um de seus soldados ao ver o seu soberano em perigo, colocou o rei dentro de um touro e o enviou para o Maranhão num navio que aportou na Ilha dos Lençóis, em Cururupu — a terra dos Bois de Costa de Mão.

Ali, nas noites de lua cheia, o rei aparece na forma de um touro negro encantado com uma reluzente estrela de ouro na testa, na esperança de que alguém um dia o liberte desse encantamento.

Aquele que tiver coragem de enfrentar o touro, ferindo-o na testa com um punhal, desencantará o rei e a cidade de São Luís será submersa. Em seu lugar surgirá uma linda cidade encantada que guarda os tesouros do rei Dom Sebastião onde ele reinará com toda a sua corte.”¹

Ao terminar a história, os alunos estavam impressionados e Odorico todo orgulhoso. Aquela história lhe parecia familiar, já que ele também era um boizinho encantado.

¹ Texto inspirado na versão da Lenda do Rei Sebastião narrada por Raimunda Viégas no vídeo ‘Bumba-boi: festa e devoção no brinquedo do Maranhão’, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

AS AVENTURAS DO BOIZINHO ODORICO



Em São Luís havia uma linda floresta chamada Tajipuru. Nela tinha três vigilantes: João, Pedro e Marçal. João, o mais antigo, tinha um animal de estimação muito diferente e especial. O seu animalzinho era o boizinho Odorico, um boizinho mágico que sabia falar magnificamente bem, impressionando a todos que por ali passavam.

Certo dia, Odorico foi explorar a reserva sem falar para seu dono João, iniciando, assim, sua aventura. Odorico era um boizinho muito curioso. Começou a se embrenhar na floresta quando viu um lindo pássaro no galho de uma árvore. Ele andou, andou, andou e depois de algum tempo percebeu que estava perdido.

Avistara ele, então, um enorme bacurizeiro. Ao se aproximar da árvore, viu duas crianças que, ao olharem o animalzinho, saíram correndo. Odorico tentou segui-las.

— Ei! Esperem, crianças — pedia o boizinho. Mas elas eram muito rápidas e já deveriam conhecer a reserva há muito tempo. Cansado e com fome, Odorico resolveu ficar por ali mesmo, pois já era noite.

Ao acordar, no dia seguinte, Odorico percebeu que estava sendo observado pelas duas crianças que vira no dia anterior.

— Belinho! Belinho! — disse a menina. — Olha como ele tem um couro lindo e brilhante. Nunca tinha visto um boi assim! — exclamou Nizetinha.

— Olhe essa estrela reluzente na cabeça, Nizetinha! — disse Belinho admirado.

Odorico começou a sorrir e as crianças se assustaram, mas dessa vez não saíram correndo. Odorico levantou e se apresentou.

— Muito prazer. Me chamo Odorico e sou o boizinho de João, um vigilante dessa reserva. Vim explorá-la, mas acabei me perdendo. Vi que vocês devem conhecer muito bem a reserva, vocês poderiam me ajudar?

O BATIZADO DE ODORICO



As crianças ficaram curiosas para saber como aquele bozinho sabia falar, mas, de imediato, responderam que iriam ajudá-lo.

As crianças se apresentaram:

— Muito prazer. Eu me chamo Belinho e moro na reserva. E essa é minha prima Nizetinha. Moramos há bastante tempo nesse lugar e nunca o vimos por aqui.

Odorico contou como tinha chegado até ali e disse que seu dono e os outros vigilantes da reserva deveriam estar preocupados com o seu sumiço. Explicou também que nunca tinha explorado a reserva antes e que a achou extraordinária.

Os dois primos ficaram encantados com o bozinho Odorico por ele saber falar e, muito empolgados, foram mostrando a ele a floresta. Nela eles viram várias árvores: palmeira de babaçu, buritizeiro, jaqueira, abacateiro, mangueira, pequiheiro, pitombeira, juçareira, cajueiro e muitas outras. Viram também vários animais, cada um mais bonito que o outro e, por fim, Belinho e Nizetinha mostraram os pássaros e aves, entre elas uma especial: o guará. Odorico ficou encantado com a exuberância e beleza daquela ave de penas vermelhas.

Depois dessa excursão, Belinho e Nizetinha resolveram levar Odorico para o início da reserva.

No posto de vigilância, João estava preocupado, pois não sabia onde poderia estar o seu querido bozinho. Pedro e Marçal saíram para procurá-lo, mas não o encontraram. João ficou muito triste, pois achava que não iria ver de novo seu precioso e estimado bozinho.

Pedro e Marçal, vendo o seu amigo João triste, disseram que lhe dariam outro bozinho, já que esse havia sumido, mas João respondeu:

— Eu fico feliz por vocês quererem me alegrar, mas o meu bozinho era único.

Então, Pedro e Marçal resolveram entrar na reserva mais uma vez para procurar o bozinho do amigo, porém, antes de entrarem na floresta, viram Odorico acompanhado de duas crianças.

Eles ficaram muito alegres e logo foram correndo para dar a boa notícia a João que, de tão feliz, saiu correndo ao encontro de seu bozinho.

Para agradecer às crianças e aos seus amigos, João resolveu fazer uma grande festa que durou três dias: a primeira em comemoração a ele — a festa de São João; a segunda foi do seu amigo São Pedro; e a terceira foi para São Marçal.

Todos riram e brincaram muito na festa, principalmente o bozinho Odorico.

Odorico tinha chegado da escola. Foi o último dia de aula. Estava de férias.

— lupiiii! Uhuuuu! — comemorava o bozinho.

Agora podia brincar à vontade e, amante de uma boa festa, o bozinho resolveu fazer um pedido especial aos seus padrinhos. Queria outra festa de batizado, já que na primeira acordara meio sonolento de tanto que brincou no ano passado. Queria dançar, dançar e dançar.

Naquele ano seus padrinhos eram Belinho e Nizetinha que, desde crianças, gostavam muito de Bumba-meu-boi.

Seus padrinhos resolveram atender aos caprichos do afilhado e começaram a pensar nos preparativos da festa. Belinho deveria escolher a data mais conveniente e avisar a madrinha, pois estava muito atarefado com a colheita de milho daquele ano.

Passados alguns dias, Belinho chamou Odorico e pediu para que fosse dar um recado para Nizetinha, avisando a data do batizado.

— Você precisa ir até a casa de sua madrinha para avisá-la do dia de seu batizado — orientou o padrinho.

Odorico já havia ido uma única vez com seu padrinho Belinho visitar sua madrinha, mas o caminho era longo e ele não se recordava bem como chegar lá. Mas mesmo assim concordou em ir dar o recado. Era uma oportunidade de fazer um belo passeio, pensou.

Saindo em direção à estrada, Odorico parou um pouco e concluiu que realmente não sabia o caminho até a casa de sua madrinha, mas iria perguntando até encontrar.

— Acho que é por ali — arriscou Odorico.

E lá se foi o boizinho atrapalhado. Pergunta aqui; indaga ali, foi caminhando pela estrada até que... O distraído Odorico caiu num buraco.

— SOCORRO! SOCORRO! — gritava o boizinho.

— Ajudem-me! Tirem-me daqui — pedia Odorico.

Por sorte, um casal de lavradores que ia passando escutou os berros de Odorico e, com muito custo, conseguiram resgatar o boizinho que saiu do buraco todo sujo de lama.

Odorico agradeceu e aproveitou para perguntar ao casal o caminho até a casa de sua madrinha. Ao se despedir, viu o estado em que ficara.

— Puxa! Terminei sujando o meu lindo couro bordado — lamentou Odorico. Mas logo em seguida a tristeza desapareceu de seu rosto. Lembrou que sua madrinha, ao vê-lo naquele estado, certamente daria um jeito de lavar o seu lindo e reluzente couro bordado.

Odorico andou, andou e finalmente avistou a vila de que lhe falara o casal de lavradores. Logo identificou que ali, numa daquelas casas, morava Nizetinha, mas não sabia ao certo qual delas era a de sua madrinha. Bateu na porta de uma das casas e não havia ninguém. Bateu em outra, mas ninguém atendia. Insistiu numa terceira, mas ninguém respondia.

Foi então que o desatento Odorico notou que todas as casas estavam fechadas.



Parou um instante e ouviu um barulho bem longe. Parecia uma festa.

Odorico correu na direção que seus ouvidos apontavam, mas antes de chegar, de tão afoito que era, acabou tropeçando e caindo. Mas ele não desistiu. Levantou e continuou. Seu coração palpitava e seus olhos brilhavam. Era uma festa!!

Chegou ofegante, mas feliz. Todos estavam ali. Encontrara sua madrinha.

— Madrinha, madrinha! — chamava o boizinho.

— O que faz aqui, Odorico? — perguntou Nizetinha

— Vim dar um recado, madrinha — respondeu o boizinho. — Padrinho Belinho pediu...

— Continue, meu filho — disse a madrinha.

— Ihhh! Não lembro mais! — exclamou Odorico. — Só sei que é importante, mas depois de tudo que me aconteceu no caminho, acabei esquecendo o que vim lhe falar.

— Não se preocupe Odorico, você vai lembrar — disse a madrinha em tom maternal. — Agora aproveite a festa, brinque e se divirta. Eu sei que você gosta.

Odorico dançou e brincou bastante com todos que ali estavam. Mas já era tarde e Nizetinha resolveu que seria melhor que Odorico dormisse em sua casa. Depois de saber tudo o que aconteceu com seu amado afilhado, achou perigoso o boizinho sair naquela escuridão.

Odorico concordou.

No dia seguinte, Nizetinha foi levar o afilhado de volta para casa de Belinho. Algumas horas depois Nizetinha chegou com Odorico.

Belinho estava muito preocupado com o sumiço do boizinho. Não tivera notícias desde que seu querido afilhado saíra para a casa de sua madrinha.

Ao chegar à casa, Nizetinha viu que Belinho estava muito aflito. Ao ver Odorico, Belinho ficou muito feliz e aliviado.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

Odorico contou todo o ocorrido ao padrinho que afagando sua cabecinha dizia:

— Esse é o meu Odorico.

Uma semana depois aconteceu o tão aguardado batizado. Toda a comunidade de Tajipuru e das redondezas foi convidada. Havia muita comida e a festa estava linda. Odorico, o boizinho encantado de São João, não cabia em si de tanta alegria. Bailava, bailava e bailava enquanto os convidados, extasiados, contemplavam a desenvoltura do boizinho com seu lindo couro bordado.

O BOI DE SÃO JOÃO

Era noite e o boizinho Odorico estava na casa de Belinho. Tinha ido visitar seu padrinho com sua madrinha. Na sala havia um altar de São João, que seu padrinho mantinha com muito zelo, pois era devoto do santo. Ali repousava um boizinho.

Curioso, Odorico quis saber por que o boizinho estava ali.

— Porque o Boi é de São João — explicou Belinho.

— Não entendi. São João tem boi? — perguntou Odorico.

— Tem sim — respondeu o padrinho.

— Mas ele não era pastor de ovelhas? — replicou Odorico.

— Sim, era quando viveu aqui na Terra, mas depois ele foi para o céu e lá ele tinha um boizinho. Eu vou te contar como tudo se passou.

“São João tinha um lindo boizinho. Ele sabia dançar e tinha um couro brilhoso e colorido. Todo ano, no dia 24 de junho, na festa de aniversário do santo, o boizinho dançava e era motivo da alegria de todos os convidados que vinham comemorar aquele dia com João.

— Que lindo boizinho! Como dança! — exclamavam os convidados.

São Pedro, amigo de João, que também faz aniversário em junho, viu que a festa de João era mais animada que a sua com a presença do boizinho e resolveu pedir o boi emprestado ao amigo. Ele queria que sua festa também ficasse animada.



— João, posso te pedir uma coisa? — perguntou Pedro ao amigo.

— Claro, Pedro! — respondeu João.

— Vou comemorar o meu aniversário no dia 29 e sempre faço uma grande festa. Me empresta o teu boizinho no dia do meu aniversário? Ele é tão lindo e animado! Queria que a minha festa fosse alegre e divertida como a tua.

— Desculpe-me, Pedro, mas não posso te emprestar o meu boizinho - disse João ao amigo.

Mas Pedro era insistente e pediu novamente.

— Puxa, João! A tua festa é tão linda e eu quero tanto que a minha também seja. Todo mundo elogia a tua festa. É tanta gente que vai. Tudo por causa do boizinho — persistiu Pedro.

— Eu sei Pedro, mas eu só tenho esse boizinho que é muito raro e precioso para mim.

— Me empresta o boizinho — implorou Pedro.

João relutou, relutou, relutou, mas o amigo não desistia.

— Por favor, me empresta — insistia Pedro.

De tanto Pedro pedir, João acabou emprestando o seu boizinho, mas não sem antes fazer mil recomendações.

— Tudo bem Pedro. Você é meu amigo e eu vou deixar o meu boizinho abrilhantar a sua festa, mas muito cuidado com o meu boi — disse João em tom muito sério.

Pedro pulou de alegria. Tinha convencido o amigo e agora teria o boizinho em sua festa.

— Agora sim, minha festa será também um sucesso! — comemorou.

Como era de se esperar, com o boizinho de João, a festa de Pedro foi um sucesso. Todos elogiaram.

São Marçal, que fora convidado para a festa de Pedro, ficou impressionado com o boizinho. Como era bonito e como bailava, pensava ele ao ver o boizinho dançar. Foi então que teve uma ideia: ia pedir o boizinho emprestado a Pedro para as comemorações de seu aniversário no dia seguinte.

Assim, pediu ao amigo Pedro o boizinho de João emprestado para animar a sua festa.

Pedro negou, dizendo que o boizinho não era seu e que, portanto, não podia emprestá-lo.

Mas Marçal, que também era teimoso, insistiu, insistiu, insistiu até que Pedro cedeu.

— Tudo bem Marçal. Mas cuide bem do boizinho de João. Ele me fez mil recomendações.

Marçal levou o boizinho para a sua casa e a notícia correu dando conta de que na Festa de Marçal o boizinho iria dançar. Todos queriam ver o boizinho mais uma vez e dobrou o número de convidados na festa do dia 30. Marçal não esperava tanta gente. Faltou comida. Mataram o boizinho de João para alimentar aquele povo todo.

Ao saber do acontecido, João ficou muito triste. Ficara sem o seu boizinho.

Para agradar São João, São Pedro e São Marçal todo ano trazem um boi para o melancólico João que olha, sorri e agradece, mas logo diz:

— Não quero esse boi. Só haveria de querer o meu boizinho raro e precioso.

São Pedro e São Marçal voltam no ano seguinte levando outro boizinho para apresentar ao entristecido João, que até hoje lamenta a perda de seu boizinho.

Assim, todo ano temos muitos bois brincando nos arraiais de São Luís na tentativa de agradar São João.”¹

¹ Texto adaptado de SANCHES, Abmalena Santos. É de fé e devoção o brinquedo da ilha: a religiosidade no bumba-boi. In: O universo do Boi da Ilha: um olhar sobre o bumba-meu-boi em São Luís do Maranhão. Recife: UFPE, 2003. Dissertação de Mestrado em Antropologia. 192p.



ODORICO NA FESTA DE SÃO PEDRO

Era véspera do dia de São Pedro. Odorico tinha pedido aos seus padrinhos para deixá-lo sair para brincar na Madre Deus. Ouvira dizer que era um lugar muito animado e que na madrugada do dia 29 de junho havia uma grande festa, onde muitos Bois para lá se dirigiam para brincar no largo da capela do santo. O bozinho estava animado com a possibilidade de conhecer aquela festa.

Belinho e Nizetinha, vendo a excitação do afilhado, concordaram em deixá-lo ir, mas iriam acompanhá-lo. Afinal, da Fazenda até a Madre Deus o caminho era longo e Odorico poderia se perder.

Chegaram à Capela de São Pedro por volta das cinco horas da madrugada. Quanta gente havia no local. Uma multidão acompanhava os Bois que por ali passavam. Vinham em todos os sentidos: da Rua de São Pantaleão, do largo do Cemitério do Gavião, da Avenida Vitorino Freire...

Odorico não cabia em si de contentamento ao ver tudo aquilo. Seus olhos não davam conta de ver tanto colorido, tanta gente, tanta alegria; seus ouvidos não distinguiam tantos sons: matracas, pandeiros, zabumbas, maracás, clarinetes, pistons, banjos...

Era tudo muito lindo e muito mágico para ele. Aquela mistura de gente e de sons! Odorico estava feliz.

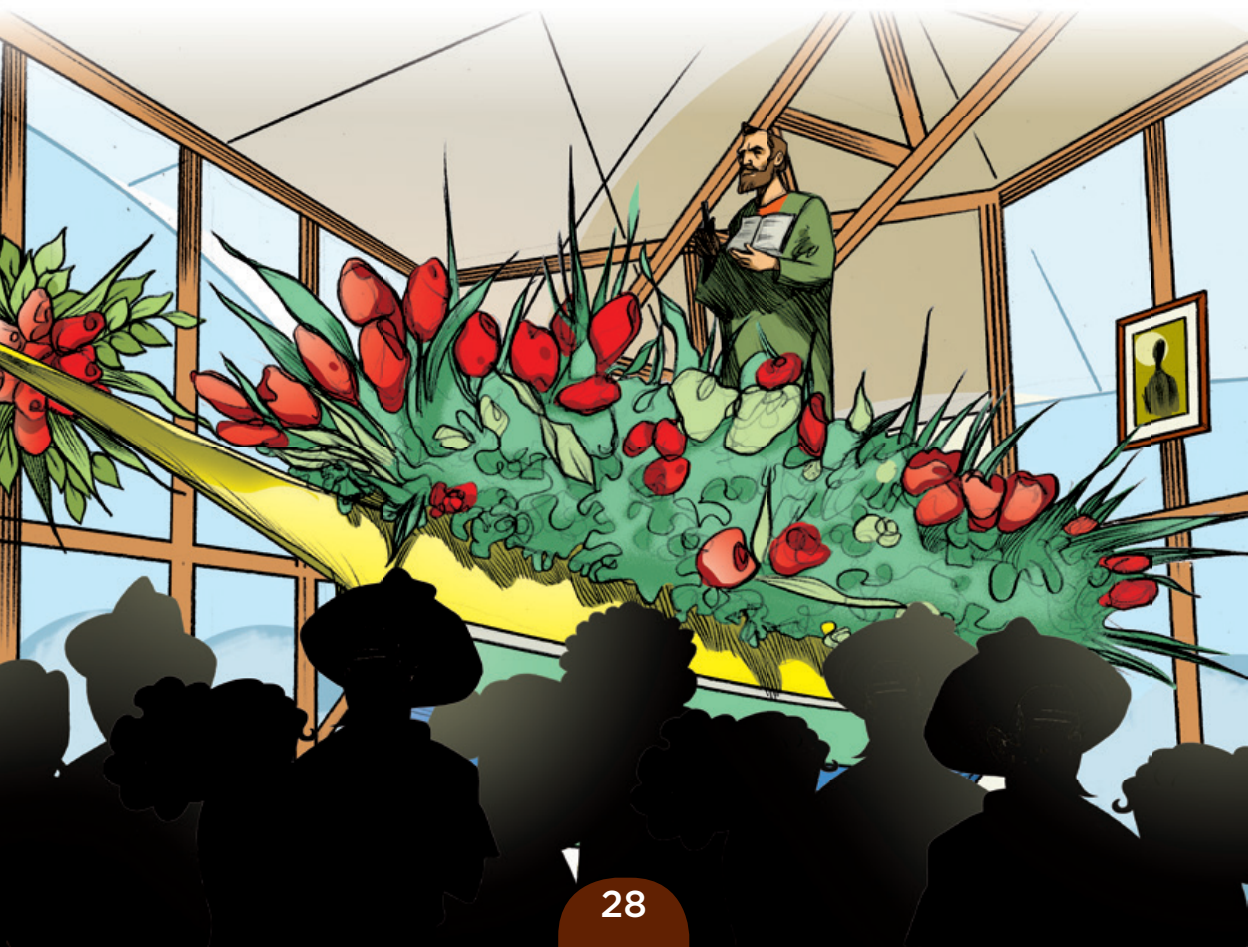


Acompanhado de Belinho e Nizetinha, o bozinho entrou na Capela de São Pedro e logo avistou o andor do santo todo enfeitado com rosas vermelhas. No centro havia uma imagem do santo pescador dentro de um barco com um livro em uma mão e uma chave na outra.

Cada Boi que ali chegava dançava em frente à imagem do santo. Os brincantes faziam reverência em sinal de respeito e veneração e faziam seus pedidos. Alguns Bois entravam pela escadaria; outros pela entrada lateral. Depois saíam dançando e seguiam ladeira abaixo.

Na Capela vários Bois dançavam e tocavam ao mesmo tempo. Era tanta gente ali dentro, que Odorico se perdeu de seus padrinhos. Tinha se distraído enquanto admirava aqueles brincantes com roupas tão reluzentes como o seu couro. Era um bordado mais bonito que o outro.

Já amanhecia. Saiu da igreja à procura de Belinho e Nizetinha. Desceu pelas escadarias da Capela e lá estava o Boi de Guimarães, do sotaque de Zabumba, numa animação que contagiava a todos que ali estavam. Odorico



não resistiu e entrou na roda. No Boi de Guimarães viu um homem vestido com uma calça marrom, gravata amarela, um paletó azul quadriculado e, na cabeça, um chapéu de palha. Estava mascarado e tinha um facão na mão. Era o Nego Chico.

Nego Chico se aproximou do bozinho e convidou-o para dançar no Boi de Guimarães. Odorico não pensou duas vezes e começou a bailar com o Nego Chico ao som das zabumbas e maracás no meio daqueles rajados com seus chapéus enormes de onde pendiam dezenas de fitas coloridas. No meio da roda, Nego Chico e Odorico formavam um par perfeito. Parecia um ballet de tanta leveza nos passos do bozinho e daquele personagem enigmático que parecia seduzir Odorico com aquele facão na mão.

Quando pararam os instrumentos para que o cantador entoasse nova toada, Nego Chico convidou o bozinho a seguir com ele para a Fazenda Guimarães, mas Odorico relutou, embora estivesse morrendo de vontade de seguir com aquela gente alegre e animada. Lembrou que tinha de procurar seus padrinhos que já deviam estar preocupados com o seu desaparecimento.

Despediu-se de Nego Chico e saiu em busca de Belinho e Nizetinha. Deteve-se por alguns minutos quando viu o Boi de Maracanã, do sotaque de Matraca, que acabara de chegar para homenagear o santo. Ficou impressionado com aquela multidão que seguia o Boi. Na frente vinha o Pai Francisco com seu facão na mão e logo atrás um cordão de índias, caboclos de pena e rajados. Como era lindo aquele Boi, pensava Odorico hipnotizado pela dança dos caboclos de pena, com passos cadenciados que obedeciam ao ritmo das matracas e pandeirões.

O bozinho teve vontade de ficar ali, mas decidiu que era hora de continuar à procura de seus padrinhos.

Subiu a ladeira ao lado da Capela, seguindo pela Rua de São Pantaleão. Chegando próximo ao Ceprama, ficou estático ao avistar um cortejo que se aproximava. Era o Boi de Santa Fé, do sotaque da Baixada.

— Que lindo! — exclamou Odorico.

O bozinho não acreditava no que estava vendo. Os passos das índias e dos índios; o rebolado dos cazumbas, aqueles personagens mascarados com gigantescas caretas reluzentes e coloridas. Tudo muito lindo. Quanta gente no Boi e quantas pessoas acompanhavam cantando numa só voz. Parecia um hino.

Caminhou mais um pouco e, logo atrás viu outro Boi, também gigante. Era o Boi União da Baixada, com roupas nas cores marrom e laranja, de uma beleza

inigualável. E logo depois, o Boi de Pindaré, o Boi de São Bento, o Boi Capricho do Povo, o Boi de Penalva e o Boi Oriente, num desfile de ritmos e cores.

Quantos Bois havia naquela festa. Odorico estava contente com o passeio. Uma experiência incrível.

Estava assim pensando quando ouviu a voz de Belinho.

— Graças a Deus! Nizetinha, finalmente achei Odorico — comemorou o padrinho, suspirando aliviado.

Odorico ficou feliz ao ver Belinho e Nizetinha e contou tudo o que vira.

— Estávamos preocupados, Odorico, mas que bom que você se divertiu. Está na hora de voltarmos para casa, mas antes quero que você veja mais um Boi.

Nizetinha e Belinho levaram Odorico de volta à Capela para ver o Boi Sociedade de Cururupu, do sotaque Costa de Mão, que dançava ali.

Esse Odorico ainda não tinha visto. Ficou deslumbrado. O toque dos pandeiros com a costa das mãos dava um tom melodioso de beleza singular. A dança dos vaqueiros e das tapuias deixava o bozinho maravilhado. Ao sair da Capela encontraram o Boi Unidos da Vila Conceição, do mesmo sotaque, que chegava para brincar.

Depois de apreciar os Bois, saíram da Capela. Odorico não parava de falar. Eram muitas experiências que vivera num só dia. Mas de tudo que tinha visto, Odorico concluiu que a cultura maranhense era muito bonita e muito rica. Sentiu-se parte de tudo aquilo. Ele estava orgulhoso de estar ali. Nunca mais perderia uma Festa de São Pedro.



A LENDA DO BUMBA-MEU-BOI

Depois de chegar da Festa de São Pedro, Odorico estava cheio de dúvidas. Queria entender tudo que vira. Contou para a madrinha que encontrara um homem negro com um chapéu de palha e um facão na mão que queria que ele o acompanhasse até outra fazenda.

Pela descrição, Nizetinha compreendeu que o boizinho havia encontrado com o Nego Chico e aproveitou a oportunidade para contar ao boizinho a lenda do Bumba-meu-boi do Maranhão.

Odorico pulou de contentamento. Adorava ouvir estórias.

— Conta, conta, conta, madrinha — pedia o boizinho.

A madrinha, sorridente, atendeu ao pedido do afilhado.

“Era uma vez um casal de negros, Chico e Catirina, que morava na cidade. Eles eram muito pobres. Sem trabalho, sem dinheiro e sem comida, foram para uma fazenda em busca de emprego e do que comer.

Catirina estava grávida. Na fazenda encontraram emprego e um novilho muito bonito e estimado pelo patrão: o Rei do Gado, que tratava seu animalzinho com muitos mimos.

Certo dia, Catirina acordou no meio da noite com um enorme desejo de comer a língua do novilho.



— Chico, Chico! — gritava ela.

— O que foi, Catita? — perguntou o marido.

— Tô com vontade de comer a língua daquele boi — revelou Catirina.

Mas Chico disse que não podia. Ele sabia que o novilho era muito valioso para seu patrão.

Mas Catirina era tinhosa, falou a Chico que se não comesse a língua do boi seu filho ia nascer com cara de boi.

Anoiteceu. Chico e Catirina pegaram o facão para cortar a língua do boizinho. Catirina preparou a iguaria com muitos temperos e comeu com arroz e farinha d'água até ficar cheia.

O novilho, coitado, sem a língua, ficou lá, de boca aberta, caído no chão. Parecia morto. Então, Chico se deu conta do que tinha feito e disse para sua mulher que eles iam ter de ir embora da fazenda.

Catirina juntou o pouco que tinha e os dois, com muito medo, fugiram às pressas. Mas ela estava feliz: tinha realizado o seu desejo e seu filho não nasceria mais com cara de boi.

Depois de muito andarem, Catirina cansou, pois estava grávida e a barriga pesava. Resolveram se esconder no mato.

Amanheceu. O patrão foi olhar o seu novilho favorito. Lá chegando, encontrou o bicho quase morto e sem a língua. Enlouqueceu de ódio e ficou ainda mais enfurecido quando descobriu que Chico e Catirina haviam fugido.

Com muito medo, Chico e Catirina continuaram fugindo, mas logo foram encontrados pelo patrão que ameaçou matá-los.

Chico explicou ao patrão o motivo do mal feito. Mas o caso não estava de todo perdido. Havia uma solução: encontrar um pajé que curasse o boizinho. Foi difícil. Chico embrenhou-se na mata à procura do pajé até encontrá-lo.

Ao chegar à fazenda, sentiu uma dor muito grande ao ver o novilho já quase sem vida. Mas o pajé conseguiu reviver o animal. Todos se alegraram e houve muita festa em toda a fazenda para comemorar. Chico e Catirina foram perdoados e permaneceram na fazenda criando seu filho e trabalhando para o patrão.”

Odorico gostou da estória e entendeu porque o Nego Chico tinha um facão na mão. Entendeu também que a partir daquela estória tinha-se criado uma belíssima manifestação cultural: o Bumba-meu-boi.

¹ Lenda do Bumba meu boi recontada por alunos do 2º ano (turma de 2018), sob a coordenação da professora Vanessa Bezerra, com o texto revisado e ampliado para esta publicação.

ODORICO VISITA O CENTRO HISTÓRICO

É chegado o grande dia. O sol raiou naquela bela manhã de agosto e o boizinho Odorico acordou muito feliz, pois seus padrinhos prometeram levá-lo para conhecer o Centro Histórico de São Luís.

Odorico levantou da cama, tomou banho, escovou os dentes, colocou seu couro mais bonito e foi ao encontro de seu padrinho Belinho.

Ao sair do quarto, ainda no corredor, sentiu um delicioso cheiro de café com cuscuz de milho.

— Hummm, esse é meu café da manhã preferido — pensou Odorico.

Ao chegar à porta da cozinha, viu que sua madrinha Nizetinha já havia acordado e era ela quem tinha preparado o café.

— Sente-se — pediu Nizetinha. — Belinho já está chegando. Acho que hoje será um dia muito divertido para você — disse a madrinha.

Odorico viu que seu padrinho se aproximava.

— Está pronto para se divertir hoje? — perguntou Belinho.

Com grande empolgação e um enorme sorriso no rosto o boizinho respondeu:

— Sim. Não vejo a hora de começarmos nosso passeio.

Tomaram o delicioso café e lá foram os três em direção à Praia Grande, no Centro Histórico.

Chegando à Rua da Estrela, Odorico notou que ali havia uns homens tocando tambores e uma roda de mulheres com saias estampadas dançando num ritmo que atraía todos que por ali passavam. Era uma alvorada em pagamento de promessa a São Benedito. Estava na frente da Casa do Tambor de Crioula.

— Madrinha, quem são essas pessoas? — perguntou o boizinho.

Nizetinha explicou bem rapidamente que aquelas pessoas são coreiros e coreiras que dançam o Tambor de Crioula, uma manifestação da cultura popular do Maranhão.

— Eu quero ver, eu quero ver — pedia Odorico muito animado.

— Tenha paciência, meu filho. Veremos na volta. Primeiro quero lhe mostrar alguns prédios antigos e contar um pouco mais sobre a nossa rica cultura — disse o padrinho.

Odorico concordou com o padrinho. Nunca tinha ido à Praia Grande e, por isso, não conhecia o Centro Histórico de São Luís. Só tinha visto por foto e já ouvira outras pessoas falarem como é bonito.



Antes de chegar à Praça Pedro II, Belinho mostrou ao afilhado um lindo conjunto de sobrados com fachada em azulejo. Estavam na Rua Portugal. Odorico parou por um instante para apreciar aquela vista. Pareciam prédios de porcelana ricamente bordados em azul e branco. O bozinho ficou deslumbrado com tanta beleza e exuberância.

Belinho explicou que estavam no primeiro bairro de São Luís, onde moraram famílias de portugueses que vieram para a cidade e ali se instalaram. Contou que aqueles azulejos foram trazidos de Portugal para revestir as fachadas das casas e que, se hoje São Luís é Patrimônio Mundial muito se deve à preservação desses prédios.

Seguiram até o final da Rua da Estrela até chegar à Praça Pedro II. Dali já era possível avistar uma casa muito grande e, na frente, dois leões moldados em ferro fundido.



— De quem é aquele castelo? Quem mora ali? — perguntou o curioso Odorico.

Belinho e Nizetinha sorriram. O padrinho explicou ao afilhado que não era um castelo. Era o Palácio dos Leões, onde fica a sede do governo do estado.

Nizetinha aproveitou o interesse do bozinho para falar um pouco sobre a história da cidade com os conhecimentos de sua época de escola. Caminhou até o muro do Palácio de onde se pode ter uma bela vista da Avenida Beiramar margeando o rio Anil que corre ao encontro do mar.

— Aqui surgiu nossa cidade em 1612. Estamos no alto do Forte São Luís, construído pelos franceses e que deu origem ao nome de nossa cidade, em homenagem ao rei Luís XIII de França — explicou Nizetinha ao querido afilhado.

Nizetinha completou:

— São Luís tem um acervo cultural muito grande e o Centro Histórico é tombado como Patrimônio Cultural do Brasil.

Odorico mais que imediato perguntou:

— O que é tombado?

Tombamento é uma maneira que temos de dizer que aquele prédio é valioso para a nossa cultura e para a nossa memória. Que é importante para lembrarmos sempre quem somos.

Belinho falou logo em seguida:

— Você lembra aquela dança que você viu agorinha há pouco? Ela também é um patrimônio nosso. É uma maneira que temos de nos divertir, mostrando a nossa fé e nossa arte: o jeito de cantar, de tocar, de dançar e de vestir, por exemplo.

— Ah! Entendi. Então vamos voltar lá. Quero muito conhecer o Tambor de Crioula — pediu o bozinho.

E lá se foram eles em direção à Casa do Tambor de Crioula. Odorico, saltitante, estava muito contente com o passeio porque aprendera muito naquela bela manhã de sol.

MEU BOIZINHO VAI MORRER

Depois do período festivo do mês de junho, Odorico viu que era hora de descansar. Tinha dançado em todos os arraiais de São Luís e se divertiu bastante. Agora recordava cada noite junina. Quanta lembrança boa ficou dessa temporada dos festejos de São João.

Mas junho terminou. Acabaram-se as festas e o boizinho Odorico estava meio entediado. Lembrava como foi bom tomar um mingau de milho, comer manuê, pamonha, canjica ou, melhor ainda, saborear um delicioso arroz de cuxá com peixe frito.

— Hummmm! — só de imaginar essas comidas maravilhosas Odorico já ficou com água na boca.

Resolveu, então, ir à casa de sua madrinha para pedir que ela lhe preparasse um arroz de cuxá bem quentinho, sua especialidade. Vestiu seu lindo couro e partiu em direção à casa de Nizetinha. Estava feliz e saiu cantarolando uma toada de seu padrinho Belinho:

... pra te levar eu não posso
Pra te deixar eu tenho pena
O coração tá dividido
Eu não sei o que eu vou fazer
Com essa morena
Mas tu não perde a esperança
Quando eu sair eu te deixo essa toada de lembrança.

Ao chegar próximo à casa de sua madrinha, Odorico acabou escutando a conversa de Nizetinha com Dona Janoca, sua vizinha.

— Temos de começar a organizar a festa da morte de Odorico. Precisamos devolver o boizinho para São João.

— Que pena! — lamentou a vizinha.

— Não tem jeito, ele nos emprestou seu amado boizinho dançarino só por esse período junino. Está na hora de cumprir o acordo.

Odorico escutou o que a sua madrinha dissera e ficou desolado.

— Meu Deus! — exclamou o boizinho.

Muito triste, saiu com lágrimas nos olhos dizendo a si mesmo, atordoadado:

— Não quero morrer, não quero morrer... Eu quero viver, eu quero viver — repetia Odorico soluçando e sem entender porque queriam que ele morresse. Todos pareciam gostar dele. Ficavam felizes ao vê-lo bailar nas festas. Porque agora queriam que ele morresse? Odorico não conseguia entender.

Foi então que decidiu apelar para o seu padrinho.

Saiu correndo até a casa de Belinho, mas quando lá chegou notou que seu padrinho estava com visita e hesitou em bater à porta. Parou por um instante para não atrapalhar a conversa. Ficou ali, do lado de fora mesmo, e terminou por escutar o que seu padrinho dizia a seu compadre Joca.

— Tenho de falar com Nizetinha para acertar a entrega do Odorico a São João.



Abalado, o boizinho se pôs a chorar. Como eles poderiam fazer isso com ele? Logo ele que tanto animara as noites de São João. Logo ele que fazia a alegria nos arraiais da cidade.

Odorico ouviu seu padrinho se despedir do amigo e saiu em disparada floresta adentro, presentindo o pior. Correu, correu, correu. Odorico suava. Não olhava para trás. Tropeçou e caiu, mas levantou-se muito rápido e continuou a fuga. Cansado e sem forças, parou para descansar debaixo de uma frondosa mangueira. Estava todo sujo do mato que arrastara pelo caminho durante a fuga.

Algumas horas depois Nizetinha deu por falta do afilhado e, não sabendo onde estava o boizinho, resolveu sair em busca de Odorico. Procurou em todos os lugares, indagou a todos a quem encontrava, mas ninguém tinha visto o boizinho.

Pensou que ele poderia ter ido à casa do seu querido padrinho.

Chegando lá, avistou Belinho na porta e logo perguntou se ele teria visto Odorico, já que ela não o encontrara em lugar nenhum. Belinho respondeu que não havia olhado seu afilhado já tinha algumas horas.

Sem ter mais onde procurar, resolveram ir até a mata já que não estava em lugar algum das redondezas. Antes, pediram ajuda aos amigos da comunidade. Mas, como ninguém conhecida tão bem a mata, pediram auxílio a um velho amigo de Belinho, um índio Tupinambá da aldeia Juçatuba, chamado Guaracy.

Depois de seguir os rastros das pegadas do boizinho, Guaracy finalmente encontrou Odorico.

Muito triste e tremendo de medo, Odorico implorou ao índio para que não o levasse de volta a seus padrinhos, pois sabia que eles iriam sacrificá-lo para São João.

Comovido com aquela situação, o amigo de Belinho resolveu voltar e contar o que estava acontecendo, já que o boizinho se recusara a sair da mata.

Guaracy contou tudo o que aconteceu, dizendo que Odorico não quis voltar com ele, pois sabia que seria sacrificado. Explicou ainda que ele estava muito triste, que chorava bastante e que estava com muito medo.

Seus padrinhos resolveram ir buscá-lo e pediram que Guaracy os levasse até Odorico.

Quando Odorico viu os padrinhos, ficou desesperado. Nunca sentira tanto medo em sua vida. Apavorado, começou a chorar.

— Não quero ir, não quero ir — implorava o boizinho.



— Meu filho, você sabe que deve ir. Seu dono quer você de volta e nós prometemos que iríamos devolvê-lo a São João — explicou afetuosamente a madrinha.

— Temos de levá-lo, Odorico. Mas não se preocupe que no ano que vem você estará de volta — consolou o padrinho.

Belinho e Nizetinha conversaram longamente com o afilhado e explicaram que ele deveria se libertar desses sentimentos tristes porque ele iria renascer no ano seguinte ainda mais brilhoso e bonito e que ele precisava voltar para São João já que ele era seu amado boizinho e que o santo ficaria muito triste se não o tivesse ao seu lado.

Odorico relutou dizendo que, como todo mundo, gostava de viver.

Os padrinhos explicaram que morrer é parte, também, da vida das pessoas.

Diante dos apelos de Belinho e Nizetinha, Odorico teve de ceder. Afinal, devia obediência aos padrinhos. Odorico enxugou as lágrimas e todo o seu medo e angústia passaram. Ele, finalmente, entendeu que precisava morrer para renascer no ano seguinte.

*Te despede boi
Que tu vais morrer
São João determinou
Nada eu posso fazer*

*Chega no pé do altar
Põe o joelho no chão
Te despede de São Pedro
São Marçal e São João!*



Todos estavam tristes porque gostavam do boizinho. Ele é divertido e alegre. Dança como ninguém e anima qualquer ambiente aonde chega, mas sabem que têm de devolver o boizinho ao seu dono. Afinal, trato é trato. E todos sabem que no ano seguinte podem pedir novamente o boizinho emprestado a São João.

Quando os padrinhos chegaram à fazenda Tajipuru a comunidade já havia preparado o local onde Odorico seria entregue ao santo. Havia um cercado de corda todo decorado com bandeirinhas multicoloridas e, no centro o mourão — uma árvore com galhos cobertos de papel de seda em várias cores ornamentada com brinquedos, balões, pipocas, pirulitos, bombons e muitas outras guloseimas.

Odorico estava muito zangado, mas brincou pela última vez naquele cercado. Depois de ter seu chifre laçado pelo vaqueiro, Odorico se despediu de todos.

Após a despedida o vaqueiro levou o boizinho para o mourão. Amarrado e sem ter como escapar, Odorico resignado foi sacrificado e entregue ao seu dono.

Ali adormeceu em sono profundo e foi levado ao altar de São João onde permaneceu até o mês de junho do ano seguinte, quando ganha vida e tudo começa novamente.

¹ Toadas de Humberto de Maracanã. Bumba-meu-boi de Maracanã (2008).

Permite-se a reprodução desta publicação, em parte ou no todo, sem alteração do conteúdo, desde que citada a fonte e sem fins comerciais.

Este livro foi composto com as famílias das fontes
Gotham e Baar Antropos Display.

Impressão: capa em papel cartão 250g/m² e miolo em couchê 150g/m², 4 cores.

Tiragem: 1.000 exemplares.

Impresso no Brasil – Fevereiro de 2021.



O Boi vai à Escola

Uma das maiores riquezas da nossa terra é o Bumba-boi. Que viaja o mundo nos passos dos caboclos e índias, na voz dos cantadores, no balanço das fitas dos vaqueiros, na barriga da Catirina, na coragem do Nego Chico e no bailado do Boi. E viajando no universo do Bumba-meu-boi, lançamos o livro de estórias infantis **As Aventuras do Bozinho Odorico**.

O livro é parte do Kit de Material Paradidático do projeto **O Boi vai à Escola**, desenvolvido pela Superintendência do Iphan no Maranhão com Bois de Costa de Mão de São Luís e a Unidade de Ensino Básico Honório Odorico Ferreira, da rede pública municipal de ensino.

Iniciado em 2014 com alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, professores e gestores da escola, esse projeto piloto integra ações de educação patrimonial a ações de salvaguarda do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão, reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil, pelo IPHAN, em 2011; e como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, pela UNESCO, em 2019.

O projeto visa a promoção dos Bois de Costa de Mão, mantendo viva essa tradição passada de geração a geração e tornando o processo ensino/aprendizagem um aliado na preservação desse sotaque do Bumba-meu-boi.

Como parte do projeto foram realizados minicursos para professores e oficinas para alunos; e produzido um Kit de Material Paradidático com desenho animado (1º ano), livro de estórias (2º ano), revista em quadrinhos (3º ano), caderno passatempo (4º ano) e cartilha (5º ano).

Aos alunos, uma boa viagem ao mundo encantado dos personagens Odorico, Belinho e Nizetinha! Usufruam desse valioso material!

Maurício Abreu Itapary

Superintendente do Iphan no Maranhão